

salvas honrosas excepções, que os precederam outrora, em tempos melhores para elles. Quando muito imputarei áquelles apenas a limitada responsabilidade de se conservarem indifferentes aos restos, ainda apreciaveis, do que escapou no descabro do archivo». (Pag. 376 e sqq.).

(*Diocese e districto da Guarda*: serie de apontamentos historicos e tradiçoes sobre as suas antiguidades; algumas observaçoens respeitantes á actualidade e notas referentes á cathedral egitaniense e respectivos prelados, por José Osorio da Gama e Castro, Juiz de direito de primeira instancia e Governador civil do districto nos annos de 1897 a 1900. Porto, 1902, in-8.º).

### Um thesouro do seculo XIV

Um proprietario de Monsanto, freguesia do concelho de Torres Novas, em Maio de 1903 mandou aplanar certa elevação marginal de uma serventia publica, por onde devia transitar um carro seu, pesadamente carregado.

O trabalhador que desempenhava tal missão, logo que deu os primeiros golpes de enxada, encontrou um pequeno vaso de barro, tapado cuidadosamente, que ali fôra occulto quasi á superficie da terra. Agitando por vezes o estranho achado, presumiu que achára um thesouro. Na impossibilidade de conhecer de pronto qual a especie de moeda que a sorte lhe deparava, fez saltar a parte superior do vaso com o olho da enxada e viu que effectivamente era dinheiro, mas antigo, que desconhecia.

Examinado ulteriormente o achado por pessoa entendida, viu-se que ali havia torneses e meios torneses, tanto de busto como de cruz, reaes de prata com escudo no anverso, hoje preciosos pela sua alta raridade, e aquelles que mostram a letra F coroada, ou o anagramma formado por FR, barbudas, graves, pilartes ou coroados e dinheiros. Exceptuados alguns pilartes cunhados no Porto, e as moedas hespanhólas de que falo mais abaixo, todas as moedas tinham a marca monetaria L, a de Lisboa, onde foram fabricadas em nome de D. Fernando, rei de Portugal (1367-1383).

Alguns exemplares de *reales* de prata de D. Pedro I, o *Cruel*, rei de Castella (1350-1369), com a letra P coroada no anverso, e alguns outros de D. Henrique II (1369-1379), aquelles que mostram as letras E N conjugadas, acompanhavam o dinheiro portuguez, porém em pequena quantidade.

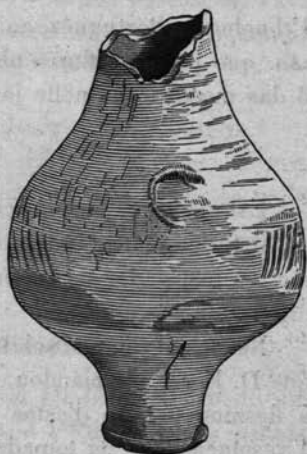
As moedas eram apenas 160, em cujo numero abundavam os cunhos de bolhão; contudo representavam capital valioso relativamente á epoca em que circularam<sup>1</sup>.

\*

O vaso, genuinamente medieval, importa ser conhecido. Vae representado no desenho aqui junto.

Tem 0<sup>m</sup>,13,20 de altura e 0<sup>m</sup>,28,10 na maxima circunferencia do bojo. Quasi junto á raiz do collo apresenta uma saliencia em fórma de C, que se tomaria por marca de fabricante se não fosse o resto da parte inferior da asa, que ali ficou impresso quando ella foi arrancada. O bocal seria circular e erguer-se-hia afuniladamente, como lhe convinha para receber a rolha.

Este precioso representante da ceramica medieval portuguesa é de côr do carmin, excessivamente desmaiado pela acção do tempo. A fórma lembra a do vaso que se vê na fig. 1.<sup>a</sup> da estampa annexa ao artigo que o engenheiro civil C. da Camara Manoel inseriu no vol. II d'*O Arch. Port.*, 302-304, acêrca de varios productos ceramicos que foram encontrados quando se fez a demolição do convento de S. Francisco de Evora.



É provavel que o vaso eborense fosse contemporaneo do de Monsanto, pela semelhança entre os respectivos troncos, embora falte a este a melhor parte da feição que hoje o distinguiria. Não esqueçamos que a edificação d'aquella casa professa foi anterior ao reinado de D. Fernando.

O vaso de Monsanto não representa um typo especial e unico de ceramica portuguesa; é copia de alguns typos, semelhantes, que a archeologia conhece, exhumados de sepulturas romanas que foram encerradas

<sup>1</sup> O thesouro foi distribuido assim:

1) O Sr. Conselheiro Manoel F. de Vargas e o Sr. Robert A. Shore arrecadaram as especies de melhor merecimento numismatico e de superior estado de conservação.

2) O Sr. Joaquim José Judice dos Santos comprou a maior parte das moedas mais vulgares.

3) A alguns dos moradores de Monsanto deu o achador varios exemplares.

4) Ao Museu Ethnológico Português foram offerecidos tres exemplares.

segundo o rito da incineração, e de outros que ainda hoje vemos, productos da ingenua industria dos povos que habitam certas localidades provincianas, onde á ceramica ordinaria e de simples feição artistica ainda tem algum desenvolvimento.

A evolução antiga da ceramica portuguesa ainda não foi estudada convenientemente. Supponmos que tal estudo só tarde poderá realizar-se, com o auxilio de exemplares mais abundantes, provenientes da epoca do renascimento. Com relação aos mais antigos, como este de Monsanto, o estudo é muito problematico; elles são raros e difficilmente se consegue autenticá-los, sobretudo quando circunstancias especiaes não concorrem para elucidar a investigação da sua origem.

O pequenino vaso, arruinado abrigo do thesouro, existe no Museu Ethnologico Português, ao qual foi offerecido pelo Sr. José Duarte Frazaõ, que para tal fim o obteve do achador, e o fez acompanhar com 3 das moedas que nelle jazeram por mais de cinco seculos.

\*

Estudadas as moedas componentes do thesouro, pôde, com o auxilio da historia, indicar-se em que anno o possuidor as occultou, e qual o motivo inspirador de tal empenho, não obstante parecer estranha esta ultima affirmacão.

No achado era absoluta a ausencia das moedas de varios padrões que D. Fernando mandou cunhar em Çamora, Crunha e Tuy. Ora como a desmonetização d'estas moedas começou em 1371, em obediencia á resolução que foi tomada nas côrtes que neste anno se reuniram em Lisboa, pelo motivo de terem sido cunhadas em terras que não pertenciam á coroa de Portugal, fixamos o anno de 1372 para inicio da investigação, e para término o anno de 1378, em que foi prohibido o curso da moeda castelhana em Portugal; pela ordenação de 8 de fevereiro.

Depois d'este anno o camponês não arrecadaria dinheiro estrangeiro, prohibido, alienavel com prejuizo certo, e que assim não era mais que simples metal para alimento de cadinhos. Era providente, porque arrecadára o que gozava de melhor credito e era de melhor valia, e excluiu as barbudas cunhadas no Porto, que eram *mijguoadas da ley*<sup>1</sup>, e pela maior parte falsas, por tanto conhecia disposições legaes relacionadas com o meio monetario circulante.

Posta a questão neste plano, prova-se apenas que o depósito do thesouro foi feito nalgum dos annos decorridos de 1372 a 1378, e até

aqui chegámos invocando leis monetarias; porém a força comprovativa de um acontecimento historico põe o ponto final nesta interessante investigação, denunciando o anno de 1372.

Com effeito, no verão d'este anno, o exercito de Castellá passou a fronteira nas proximidades da villa de Almeida. Percorrido o itinerario até entrar na Extremadura cistagana, fez alto durante dois dias em Torres Novas, onde aguardou a offensiva do irresoluto D. Fernando, que se acolhêra ao abrigo das muralhas de Santarem <sup>1</sup>. No largo tracto alarmou as populações ruraes, que se refugiaram nos baldios e noutros logares ermos. Na precipitação da fuga o camponês de Monsanto passa na curva de um caminho, á beira de um vallado, e, porque a vanguarda da hoste invasora se aproxima a largos passos, ali cava um abrigo provisorio para o seu dinheiro encerrado no leve e pequenino vaso, que tanto lhe pesa idealmente como se fôra enorme.

Lisboa, Agosto de 1904.

MANOEL JOAQUIM DE CAMPOS.

## Archeologia prehistorica da Beira

### I

#### Dolmen da Cunha-Baixa

O dolmen de que vou fallar fica no sitio *da Orca*, perto de um ribeiro, num plano, entre vinhas e milharaes, a 1 kilometro da estrada da Cunha-Baixa, no concelho de Mangualde. Pertence ao Sr. Dr. Paes da Cunha, de Santar. O povo chama-lhe *Casa d'Orca* (nome proprio).

Explorei-o em Setembro de 1902, a convite, e por indicação, do meu illustre amigo Dr. Alberto Osorio de Castro, hoje juiz de direito em Goa, mas então residente na villa de Mangualde. Elle tinha obtido para isso autorização do Sr. Dr. Paes da Cunha, que a concedeu da melhor vontade.

Foi esta a primeira exploração dolmenica que eu fiz. Já dei noticia rapida da *Casa d'Orca*, e uma gravura, nas *Religiões da Lusitania*, I, 271-273 <sup>2</sup>.

<sup>1</sup> *Chronica do Senhor Rei D. Fernando*, por Fernão Lopes, capitulo LXXII.

<sup>2</sup> Quem primeiro tornou conhecido dos estudiosos este dolmen foi o Sr. Morgado **Bernardo Rodrigues do Amaral**, de Outeiro de Espinho, concelho de Mangualde: vid. *Portugal Antigo e Moderno* de Pinho Leal & Pedro Augusto Ferreira, XII, 2300. O Sr. Bernardo Rodrigues do Amaral é crêdor de toda a sympathia pelo entusiasmo e intelligencia com que tem pesquisado a archeologia da região